

COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

ABDIAS DO NASCIMENTO E O JORNAL QUILOMBO: O JORNALISTA A SERVIÇO DA LUTA PELA LIBERDADE DO POVO NEGRO BRASILEIRO^{1 2}

Eliane de Souza Almeida, ms.elianealmeida@gmail.com e
eliane.almeida@usp.br³

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo mostrar a trajetória biográfica de Abdias do Nascimento enquanto jornalista e militante da causa negra até a criação de seu Jornal Quilombo (1948 – 1950) e utilizando o conceito de Jornalismo Emancipatório como referencial teórico.

PALAVRAS-CHAVE

1. Abdias do Nascimento
2. Jornalismo emancipatório
3. Jornal Quilombo
4. Racismo
5. Teatro Experimental do Negro

¹Este artigo é parte de trabalho apresentado no IBERCOM, em Bogotá, Colômbia em 2019. Artigo escrito em parceria com a mestrandia pela ECA/USP Cinthia Maria do Carmo Gomes, tem seu título original *Luiz Gama e Abdias do Nascimento: o jornalista a serviço da luta pela liberdade do negro brasileiro*.

²O Presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) Finance Code 001.

³Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Pesquisadora Associada do Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura (OBCOM) da ECA/USP e membra do GT epistemologias Decoloniais, Territorialidades e Cultura da CLACSO pelo Celacc/USP. Email: ms.elianealmeida@gmail.com e eliane.almeida@gmail.com



JORNALISMO



1. Introdução

O jornalismo a serviço da emancipação do sujeito negro se inicia já no século XIX, com publicações em prol da liberdade dos escravizados circulavam em todo o Brasil. E durante o século XX, a imprensa negra continuou a luta pela efetiva cidadania e superação do racismo. Abordaremos a experiência, por meio da análise da trajetória singular de Abdias do Nascimento (1914-2011) e da criação do *Jornal Quilombo*.

Em 1948, Abdias do Nascimento cria o jornal *Quilombo*, publicação do Teatro Experimental do Negro, grupo criado por Abdias do Nascimento em 1944 com o intuito de criar uma dramaturgia negra capaz de desmascarar o mito da democracia racial e de colocar nos palcos brasileiros, atores e atrizes negros e negras como protagonistas. O periódico também nasceu para dar voz a intelectuais, negros e brancos, na busca de criar possibilidades de discussão sobre este mesmo mito, o da democracia racial, e suas consequências.

Este artigo pretende, portanto: compreender os elementos constitutivos do *ethos* (MAINGUENEAU, 2001) do jornalista Abdias do Nascimento; e entender de que forma este homem contribuiu para uma transformação social. A análise será feita a partir da trajetória de Abdias e do periódico por ele criado. Para Abdias, a opção de trilhar o caminho da comunicação denota uma vontade de demarcação social e de ampliação da audiência. Ao veicular seu discurso pelas páginas da imprensa, ele se torna *agente* do campo da comunicação e da subjetividade negra, conquistando *legitimidade* entre seus pares, por meio do reconhecimento de sua identidade social como sujeitos políticos (CHARAUDEAU, 2006), na intenção de interferir na cultura – “conjunto de significados partilhados” (HALL, 1997) – de cada época.



JORNALISMO



E para entendermos o Jornalismo como uma ferramenta da Emancipação do sujeito negro, lançaremos mão do conceito de Jornalismo Emancipatório criado por Dennis de Oliveira (2014).

2. Abdias do Nascimento, o Griot

Djeli, Griot: artesão da palavra. Guardiã oral, oriundo Mandinga. Conciliante contador de histórias. Músico tocador de Kora que abrange tudo. Cadência que sara a voz criada. A fala do encontro.

Antonio Poppe, escritor português

O Griot é um mediador dentro da sociedade. Ele resolve conflitos e leva a calma. Ele é músico, cantor, contador de histórias, dançarino, um organizador de eventos sociais que utiliza a palavra como seu principal instrumento.

Griot Hassane Kouayaté, de Burkina Faso

Abdias do Nascimento é um dos grandes nomes da luta contra o Racismo no Brasil. O Mestre Griot brasileiro, não mediu esforços, por toda sua vida, para inserir o negro no palco da vida cultural, política e econômica brasileira. Do griot menino inspirado pelo pai músico e pelas artes circenses, do griot rapaz que apesar de estar dentro das estruturas das Forças Armadas Brasileiras não calou nem se rendeu ao preconceito. Do griot homem que inventou um espaço formador de atores que atuam até os dias de hoje. E do griot espírito que habita o Orun⁴, cuidando dos seus.

Filho de Dona Josina, doceira, cozinheira, costureira e ama de leite, e de Seu José, também conhecido como Seu Bem-Bem, músico e sapateiro, Abdias nasceu em Franca, interior de São Paulo, em 14 de março de 1914. Foi criado

⁴Palavra de origem iorubá e que define, na mitologia desta etnia, o céu ou o mundo espiritual. Paralelo ao Aiye, mundo físico, tudo o que existe no Orun coexiste no Aiye através de uma dupla existência.



JORNALISMO



com seus seis irmãos em constante convívio com as “sinhazinhas” enquanto sua mãe alimentava os bebês das senhoras. Desde muito cedo sabia que era diferente de seu pai e irmãos. Não se conformava com pouco, coisa que preocupava muito seu pai.

A região de Franca, naquele início de século XX, ainda trazia em sua dinâmica os costumes escravagistas. Desde muito cedo, Abdias entendia de onde descidia e ouvia muitas histórias dos tempos de escravidão. Sua avó, Dona Ismênia, que havia sido escravizada, junto com outras mais velhas escravas da cidade, se juntavam nas noites enluaradas pra contar histórias de fugas, de castigos, de heróis. Foi numa dessas noites que Abdias conheceu a história de Luiz Gama, o ex-escravo que virou doutor e salvou muitos negros da escravidão.

Luiz Gama passou a ser o grande herói do menino Abdias e sua grande referência de luta. Sabendo do esforço de Luiz Gama como autodidata, Abdias toma para si o compromisso de se fortalecer através do conhecimento. Também não ficou fora da observação do menino Abdias a utilização do jornalismo como ferramenta para a libertação do povo negro de Luiz Gama. Conhecido poeta e advogado, fundou o jornal *O Diabo Coxo*, em 1864. Nas páginas de seu jornal, as notícias eram denúncias aos desmandos dos brancos sobre os negros escravizados e alforriados. Uma luta pela liberdade e utilizando o jornalismo para trazer a sociedade à consciência da violência por eles, os brancos, exercida.

Foi com sua mãe, Dona Josina, que teve sua grande primeira lição contra as injustiças sofridas pelos negros. Abdias conta, no livro *Memórias do Exílio, Brasil 1964-19??*, Volume *De Muitos Caminhos* (1976), que sua mãe, uma mulher muito calma, perdeu o controle diante da violência contra um menino, mais pobre que eles, por uma mulher branca. A mulher espancava o menino negro em frente à casa deles e sua mãe interferiu em defesa do pequeno. O levou para casa, o alimentou, e tratou como um menino deve ter tratado: com humanidade.



JORNALISMO





JORNALISMO



Sua rotina matinal era pesada. Entregava leite e carne na casa dos patrões de sua mãe antes de ir para as aulas do grupo escolar Coronel Francisco Martins onde era um dos melhores alunos. E, apesar de seu esforço, mesmo com os textos muito bem decorados, nunca era escolhido para fazer parte das peças encenadas na escola.

Aos 13 anos, Abdias era professor primário e também trabalhava como guarda-livros em fazendas e sítios vizinhos. O jovem Abdias ganhava com suas atividades, três vezes mais que o pai como sapateiro e pouco menos que o prefeito da cidade naquela época. Mas isso não tirava dele o desejo de ser maior que aquela realidade. Diz Abdias:

Para qualquer garoto negro tal situação já representava a conquista do céu, não precisava de mais nada. Mas não para mim. Jamais me acomodaria às regrinhas da cidade, me deixar transformar em negrinho excepcional: “... sim, ele é negro, mas inteligente, um preto de alma branca!” (NASCIMENTO, 1976, p.26)

Seu Bem-Bem não queria que Abdias estudasse pois tinha medo do poder do conhecimento e das coisas negativas que esse conhecimento poderia trazer. Na verdade o medo se dava por conta de um caso da cidade em que um rapaz negro conseguiu se formar em medicina. Orgulho da família, o rapaz suicidou-se por não conseguir atuar como médico já que as pessoas não se deixavam atender por um médico negro.

Seu pai acreditava que com tanta rebeldia, a carreira eclesiástica seria uma boa saída para acalmar o coração de Abdias. Fez todos os rituais iniciais: batismo, catecismo e tudo mais. Quando, então, Abdias resolveu de fato se dedicar à vida eclesiástica, recebeu sinais “divinos” que o tiraram definitivamente deste caminho.

Buscando onde pudesse se dedicar a Deus, Abdias foi a dois mosteiros: o dos Franciscanos espanhóis e dos Agostinianos alemães. Foi discriminado nos dois lugares e desistiu definitivamente da carreira de padre. Muitos anos depois, foi no candomblé que encontrou o caminho do divino, o divino caminho.

Política e Militância



JORNALISMO





JORNALISMO



Aos 16 anos, movido pelo desejo de ver outras paisagens e vivenciar outras experiências, Abdias entra, como voluntário, no Exército Brasileiro. Em sua sede de aprender e responder suas próprias indagações, aproxima-se de grupos de esquerda e passa a distribuir, por algum tempo o jornal *Lanterna Vermelha*, publicação comunista clandestina. Pouco tempo depois, funda o jornal *O Recruta* onde exercia a função de jornalista. Começava ali sua paixão pelas letras. A contradição de fazer parte da força armada que lutava contra os comunistas e o desejo de lutar pela emancipação do negro, deixava-o confuso.

Em 1936, foi expulso do Exército por arrumar confusão em um bar que discriminou a ele e a um amigo que o acompanhava. Muda-se para o Rio de Janeiro. Inspirado pela vida de lutas contra a escravidão de personalidades brasileiras, foi na pessoa de Luiz Gama que o menino Abdias se espelhou. Como o ídolo, Abdias pegou para si a responsabilidade de integrar o negro na sociedade brasileira. Conta Abdias que:

Minhas primeiras experiências de luta foram na Frente Negra Brasileira desde a década de 1920, se esforçavam tentando articular um movimento. Houve, assim, um projeto de reunir o Congresso da Mocidade Negra, em 1928, em São Paulo, o que não chegou a se concretizar. Somente em 1938, eu e outros cinco jovens realizamos o I Congresso Afro-Campineiro e, em 1950, o Teatro Experimental do Negro promoveu o I Congresso do Negro Brasileiro, no Rio de Janeiro. As pessoas e as ideias já vinham de antes, mas foi no início dos anos 1930 que o Movimento se institucionalizou na forma da Frente Negra Brasileira. ... como movimento de massas, foi a mais importante organização que os negros lograram após a abolição da escravatura, em 1.888.” (NASCIMENTO, 1976, p.27-28)

A Frente Negra Brasileira se mantinha atualizada sobre tudo o que acontecia no mundo e era relacionado com a questão racial. “Foi uma vanguarda com o objetivo de preparar o negro para assumir uma posição política e econômica na representação do povo brasileiro ao Congresso Nacional”. (NASCIMENTO, 1976, p.29)

Em 1937, a FNB foi fechada pela ditadura de Getúlio Vargas juntamente com todos os partidos que existiam naquele momento. Em 1938, Abdias volta para São Paulo a fim de organizar o primeiro Congresso Afro-Campineiro, em



Campinas. O Congresso foi realizado somente em 1950, promovido pelo Teatro Experimental do Negro, no Rio de Janeiro.

Aos fins de 1930, Abdias estará no Rio de Janeiro, atuando como jornalista em diversos veículos. Passa a circular nas rodas de conversa do Café Amarelinho, na Cinelândia. Jornalistas, dramaturgos, poetas, políticos, artistas. Toda a massa pensante da capital nacional frequentava o espaço e para ele isso era o necessário para continuar pensando e agindo.

Um dia encontra com dois grandes amigos, Napoleão Lopes, poeta e crítico de artes, e Gerardo de Mello Mourão, poeta e amigo antigo, dos tempos do exército. Foi através deles que Abdias conhece mais três poetas argentinos que vão promover a que será a grande mudança na vida de Abdias. Do encontro com os poetas argentinos Juan Raul Young, Efraín Tomás Bó e Godofredo Tito Iommi, todos amigos de Napoleão e Gerardo, nasce a *Santa Hermandad Orquídea*.

O grupo de jovens sonhadores criou a irmandade com o objetivo de criarem um modo de vida alternativo, no qual somente a poesia era importante. E, claro, as bebedeiras, as esbórnias na Lapa. Abdias conta que levavam uma vida de pouco dinheiro e muita ajuda dos amigos. Um desses amigos foi Paschoal Carlos Magno que os deixava comer na Casa do Estudante. Até que resolveram que a *Santa Hermandad Orquídea* precisava ganhar o mundo e seus integrantes expandir seus saberes e buscar novos conhecimentos.

Abriram um mapa do mundo, jogaram uma moeda para cima e a moeda caiu sobre o estado do Amazonas. Ali seria o lugar por onde iniciaria a grande aventura do grupo. Com a ajuda do Almirante da Marinha, Almirante Flemming, presidente da Companhia Costeira Nacional Lloyd Brasileiro, Abdias conseguiu as passagens para todos os irmãos *Orquídea*.

De 1941 a 1943, *Santa Hermandad Orquídea* viajou por toda a América Latina. Atuavam como jornalistas independentes e cobriam notícias na área de política, cultura, artes. Foi no Peru que o rumo da vida de Abdias começou a



JORNALISMO



mudar. Durante uma apresentação do Teatro Del Pueblo da peça *Imperador Jones*, de Eugene O'Neill, em Lima, o incômodo tomou conta de Abdias. A peça, que tinha como cenário uma ilha nas Antilhas e era povoada por negros escravizados, incluindo o próprio Imperador Jones, eram pessoas brancas pintadas de preto. Conta Abdias que

(...) o imperador era interpretado pelo ator argentino Hugo D'Evieri, evidentemente branco, que se pintava todo de preto para retratar o personagem. Aí é que eu compreendi – porque já tinha mais idade, mais experiência, já havia passado por esses movimentos de reivindicação negra-, percebi toda essa coisa. Está aí porque eu nunca pude atuar em teatro, por que eu nunca vi ator negro, por que eu nunca vi uma peça só com negros, nunca vi a cultura negra representada no palco: é porque os brancos não deixam. (...). Aquela circunstância me deixou abismado, pensativo, concentrado, em ebulição. Foi como uma sensação de surpresa, mas com um impacto diferente. Senti minha alma agitada, de tal maneira, como se eu tivesse encontrado alguma coisa que há muito procurava, sem saber bem o que era, mas de grande importância. (SEMOG; NASCIMENTO, 2006, p. 108)

Nascia ali o desejo de se aprofundar no universo teatral. Somente em sua passagem por Buenos Aires, onde conseguiu uma bolsa de estudos através dos contatos dos amigos Godofredo e Raul, foi estudar Economia e o dinheiro da bolsa dava conta de custear as outras despesas. Ainda com a lembrança viva e transformadora do teatro, Abdias passa a ser frequentador assíduo do Teatro Del Pueblo e, durante o ano que ali ficou, estudou dramaturgia teatral. Muitas das experiências vividas no Teatro Del Pueblo fará parte das ações do Teatro Experimental do Negro, fruto de toda essa aventura.

Em 1943, Abdias retorna ao Brasil cheio de expectativas e planos para a criação do seu próprio grupo de teatro somente com atores negros e atrizes negras. Mas, quando chega em São Paulo, Abdias vai preso e fica por dois anos no Penitenciária Carandiru. Acontece que durante o tempo de sua viagem, o Exército lhe julga como desertor, o expulsa e seu julgamento acontece a sua revelia.

Nestes dois anos no Carandiru, Abdias cria o Teatro do Sentenciado onde aplica as técnicas aprendidas no Teatro Del Pueblo. Ele e vários outros presos



escrevem suas peças. O diretor dos espetáculos: Abdias do Nascimento. Sua saída se deu após uma confusão de jurisprudência provocado por ele:

Havia um conflito de jurisprudência, pois fui julgado por um tribunal militar e me mandaram para uma penitenciária civil, para onde eu não poderia ir, pois a questão era com o Exército. O Supremo Tribunal Federal mandou que me tirassem da cadeia e acabou com a história. Eu não era criminoso coisa nenhuma. Mas acontece que, até chegarem a essa decisão, eu fiquei lá, preso, quase três anos. (SEMOG; NASCIMENTO, 2006, p. 118)

Ao sair do Carandiru, Abdias volta para o interior de São Paulo e procura seus antigos parceiros de luta contra o racismo. Incomodado com a falta de participação política da comunidade negra, criou com seus parceiros Aguinaldo Camargo e Sebastião Rodrigues Alves, o Comitê Democrático Afro-Brasileiro, em 1944. O comitê era uma organização ampla que tinha como objetivo, incluindo negros e brancos, a afirmação da perspectiva afro-brasileira. Dois anos depois, o governo fechava o Comitê, mas, a semente já estava lançada. Abdias iniciou, então, o caminho que abriu com a criação do já extinto Comitê Democrático Afro-Brasileiro: o da política partidária. Conta Abdias:

Quis mudar a imagem política do negro. Fui candidato, várias vezes, a vereador do Distrito Federal (Rio de Janeiro), a deputado estadual; por vários partidos. Mas, sempre derrotado. Certa vez a candidatura não vingou porque exigiram de mim um atestado de ideologia. Uma exigência arbitrária. Entrei com mandato de segurança, alegando a inconstitucionalidade do documento, mas os tribunais arrastaram os pés, não julgaram meu recurso, esgotou o prazo do registro da candidatura, e não pude ser candidato do PST. (NASCIMENTO, 1976, p. 34)

No caminhar de sua vida política, Abdias foi o organizador de eventos patrocinados pelo Teatro Experimental do Negro. Como o 1º Congresso do Negro Brasileiro (1950) e a Convenção Nacional do Negro (1945-46), que propôs à Assembleia Nacional Constituinte de 1945 políticas afirmativas e a definição da discriminação racial como crime de lesa-Pátria.

Em 13 de outubro de 1944, Abdias do Nascimento funda o Teatro Experimental do Negro (TEN). Já estava pronto para a empreitada depois de anos de experimentação no Carandiru. Ele primeiro tenta encontrar apoio com credibilidade na cidade de São Paulo. Procura Fernando Goes, crítico, jornalista e escritor que o apresenta a Mario de Andrade, que não deu a menor atenção



JORNALISMO



para o projeto. Então, Abdias volta ao Rio de Janeiro e busca apoio nos amigos dos tempos antes de sua viagem pela América Latina. Foi Paschoal Carlos Magno, diplomata, escritor e diretor teatral, que apoiou essa empreitada de Abdias.

A primeira aparição dos atores e atrizes do TEN aconteceu na peça *Palmares*, onde colaboraram como a população do Quilombo dos Palmares. A peça foi escrita por Estela Leonardos e dirigida por Paschoal Carlos Magno. Foi só o início de uma longa vida que acabou somente em 1968, com o autoexílio de Abdias nos Estados Unidos por conta do regime militar então em vigor.

Em 1950, o Teatro Experimental do Negro assume o projeto Museu de Arte Negra (MAN). Sob a curadoria de Abdias Nascimento, o MAN inaugura sua primeira exposição, em 1968, no Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro.

Em seguida 1968, Abdias Nascimento viaja aos Estados Unidos para um intercâmbio com o movimento negro norte-americano. Estava em Nova York quando o regime militar promulgou o Ato Institucional n. 5. Alvo de vários Inquéritos Policial-Militares, Abdias foi obrigado a ficar no exterior, onde foi professor de várias universidades.

Nesse período, desenvolveu técnicas como artista plástico, pintando telas que transmitem os valores da civilização africana, da cultura religiosa afro-brasileira e da luta pelos direitos humanos dos povos africanos em todo o mundo. Participou, no Caribe, na África e nos Estados Unidos, de vários encontros do movimento internacional pan-africanista. Em 1978, ele recebeu a primeira indicação ao Prêmio Nobel da Paz.

Após 12 anos no exílio, Abdias Nascimento retorna ao Brasil e participa do processo de redemocratização do país ajudando a fundar o PDT (Partido Democrático Trabalhista) ao lado de Leonel de Moura Brizola. Como deputado federal Abdias Nascimento elabora, em 1983, a primeira proposta de legislação instituindo políticas públicas afirmativas de igualdade racial. Continuou defendendo essa proposta, no período de 1991 a 1999, como senador e como titular fundador da Seafro (Secretaria de Defesa e Promoção da População Afro-



JORNALISMO





Brasileira) e da Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania do Governo do Estado do Rio de Janeiro.

Reconhecimento Internacional

A Universidade Obafemi Awolowo, de Ilé-Ifé, Nigéria, outorgou-lhe, em 2007, o título de Doutor em Letras, Honoris Causa. O Conselho Nacional de Prevenção da Discriminação, do Governo Federal do México, outorgou a Abdias Nascimento o seu prêmio em reconhecimento à contribuição destacada à prevenção da discriminação racial na América Latina (2008). O Ministério da Cultura outorgou-lhe a Grã Cruz da Ordem do Mérito Cultural (2007), e em 2009, recebeu do Ministério do Trabalho a Grã Cruz da Ordem do Mérito do Trabalho Getúlio Vargas. Ambas são as mais altas honrarias do Governo Federal do Brasil em suas respectivas áreas. Ainda em 2009, recebeu o Prêmio de Direitos Humanos da Universidade de São Paulo e o Prêmio de Direitos Humanos na categoria Igualdade Racial da Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República do Brasil.

Professor Emérito da Universidade do Estado de Nova York e Doutor Honoris Causa pelas Universidades de Brasília, Federal e Estadual da Bahia, do Estado do Rio de Janeiro, e Obafemi Awolowo da Nigéria, Abdias Nascimento foi oficialmente indicado ao Prêmio Nobel da Paz de 2010, em função de sua defesa dos direitos civis e humanos dos afrodescendentes no Brasil e no mundo.

Abdias Nascimento faleceu no Rio de Janeiro em 23 de maio de 2011, aos 97 anos.

Jornal Quilombo: ousadia e protagonismo

Em 9 de dezembro de 1948 é publicada, na cidade do Rio de Janeiro, o jornal *Quilombo*. Publicação do Teatro Experimental do Negro, criado e presidido por Abdias do Nascimento, nasce no pós-guerra e sob o bojo da



JORNALISMO



elaboração da Declaração dos Direitos Universais do Homem onde racismo é tido como prática contra os direitos humanos.

O nome e sobrenome do jornal já deixa clara a intenção da publicação: *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. Trazer em seu nome o termo quilombo já era de grande ousadia se pensarmos que a existência de quilombos significava negros em revolta, unidos pelo desejo da liberdade. Quando deixa acentuado no subtítulo do jornal que ali se encontrarão assuntos relacionados diretamente à vida dessa parcela da população brasileira, lê-se uma proposta de emancipação a partir do conteúdo do jornal. Aliás, essa tomada de ação é uma continuidade de seu trabalho como repórter da coluna *Problemas e Aspirações do Negro Brasileiro*, do jornal Diário Trabalhista, onde trabalhou de 1946 a 1948, quando fundou o Jornal Quilombo.

Jornal que adotava uma política editorial de apoio às ações e políticas trabalhistas, ousou tocar na ferida que mais incomodava a sociedade brasileira à época. Conta Márcio Macedo (2005) que a estreia de Abdias foi a aplicação de uma enquete que fazia os leitores pensar: existe ou não um “problema do negro” no Brasil? Macedo (2005) explica que é possível que nem todos os textos tenham sido escritos por Abdias e que ele teve muita ajuda dos seus amigos Sebastião Rodrigues Alves, Ironides Rodrigues e Aguinaldo Camargo na elaboração da linha editorial a ser adotada e que daria o tom das publicações da coluna.

I - Finalidade essencial: valorização social do negro brasileiro, esclarecendo-se e harmonizando-se as divergências espirituais e sociais de brancos e pretos. Os assuntos serão localizados objetivamente estudando-se a situação dos pretos tal qual é.

II - Campanha intensa pela alfabetização do preto e do povo em geral. Incitamento a abertura de novas escolas pela Prefeitura, mormente nas proximidades dos morros. Auxílio material e financeiro dos cursos particulares. Cursos noturnos para adultos.

III – Campanha permanente às restrições impostas nas atividades privadas e públicas por motivo de cor.

IV – Amplo noticiário geral das atividades afro-brasileiras.

V – Demonstração, fundamentada em estatísticas, do concurso do negro em maior percentagem aos trabalhos mais árduos, particularmente os braçais, desmentindo-se a fama injusta da



JORNALISMO





indolência do preto (Diário Trabalhista, 15/01/1946 apu MACEDO, 2005, p. 105)

É possível perceber que Abdias entendia muito bem o poder de transformação social que o jornalismo tinha. Utilizando-se do trabalho enquanto repórter, traz sua pauta como linha mestra de sua atuação como jornalista. As experiências acumuladas em seu caminho desde o jornal o Recruta, depois a experiência com a Santa Hemandad Orquídea e com o Diário Trabalhista, deram a Abdias o know how necessário para a criação do Jornal Quilombo, que claramente seguiu a linha editorial proposta para o Diário Trabalhista.

Dennis de Oliveira, em sua tese de livre docência intitulada *Jornalismo e ação cultural pela emancipação: uma práxis jornalística com base nos conceitos de Paulo Freire* (2014), apresenta a possibilidade de se utilizar o jornalismo como instrumento de transformação social. Ele aponta para a utilização do jornalismo emancipatório como possibilidade de construção de discurso midiático a partir da perspectiva da superação das dinâmicas de opressão em todas as suas vertentes (OLIVEIRA, 2014, p. 5).

É no sentido de sair desse lugar de oprimido, que *Quilombo* levanta sua voz. Lê-se no editorial da primeira edição, escrita por Abdias:

Nós saímos – vigorosa e altivamente – ao encontro de todos aqueles que acreditam, – com ingenuidade ou malícia – que pretendemos criar um problema no país. A discriminação de cor e de raça no Brasil é uma questão de fato. Porém, a luta de Quilombo não é especificamente contra os que negam os nossos direitos, senão em especial para fazer lembrar ou conhecer ao próprio negro os seus direitos à vida e à cultura (NASCIMENTO, 2003, p. 19)

Este trecho do primeiro editorial do periódico deixa clara a intencionalidade de protagonismo de *Quilombo*. Aquele não seria um jornal como os outros. Teria no seu interior as tensões encontradas nas ruas e cidades do país.

As páginas do jornal traziam artigos de intelectuais negros e brancos, a favor e contra o mito da democracia racial. Tamanha ousadia foi convidar o





próprio Gilberto Freyre a defender sua tese de convivência branda entre negros e brancos e o próprio Abdias escrever um texto sobre a importância de se haver mais negros na política porque a dita democracia racial era uma mentira.

Oliveira, que se utiliza do pensamento de Paulo Freire para pensar emancipação, explicando sobre a inovação do pensamento freireano, diz que

A grande inovação exposta no pensamento de Freire é, pensar que os processos emancipatórios são construídos coletivamente. Para Freire, ninguém se conscientiza separadamente dos demais. A consciência se constitui como consciência do mundo. Isto porque para o pensador brasileiro um sistema de opressão objetifica o oprimido e desumaniza o opressor, a medida que constrói uma relação não entre seres humanos, mas sim entre um ser que se pretende vivo e outro que se considera objeto (OLIVEIRA, 2014, p. 207)

Fica implícito nos conteúdos produzidos a muitas mãos, a tensão sublimada pela voz dada dentro da publicação. Mesmo parecendo dissonantes, essas várias vozes davam o tom da situação racial do Brasil do final da década de 1940. Sobre a linha editorial de *Quilombo*, o texto de apresentação da edição fac-similar do periódico, dá conta de nos explicar esse posicionamento ousado e de profundo protagonismo:

Emerge implícita no *Quilombo* uma tensão permanente entre o discurso afirmativo do protagonismo do negro na articulação de seus valores e na construção de seu caminho rumo a uma possível democracia racial – a postura da Negritude – e um outro mais convencional, anunciador de uma democracia racial maculada por eventuais incidentes ou resquícios de atitudes exógenas e ultrapassadas. (NASCIMENTO & NASCIMENTO, 2003, p. 8)

Ainda é possível encontrar nas páginas de *Quilombo*, em uma época que falar de políticas públicas de reparação ainda não estava em voga, diversas matérias que tinham como pauta cotas para negros em universidades, legalização do trabalho doméstico, inserção de maior número de negros nos partidos políticos. Portanto, Abdias e seus colaboradores exercitavam o jornalismo emancipatório às últimas consequências.

O jornal sobreviveu por 10 edições, de dezembro de 1948 a julho de 1950. Por falta de verbas, a voz de *Quilombo* foi silenciada. O importante nesse processo, foi o exercício de um jornalismo com propósito emancipador, que não fugiu às lutas que o tempo exigia.



JORNALISMO



Como disse Dennis de Oliveira:

O jornalismo emancipatório não é quem vai mudar o mundo, mas contribui para pensar o mundo e a sua transformação. (...) A existência do ser humano não é dada por si própria, mas pelo reconhecimento do outro – uma ideia presente em algumas tradições africanas, chamada “Ubuntu” que é definida no provérbio zulu “umuntu ngumuntu ngabantul” (uma pessoa é uma pessoa por meio de outras) (OLIVEIRA, 2014, p. 244)

Considerações finais

Estamos diante de um sujeito que cria e toma para si um lugar de fala, um *locus* enunciativo, e se auto-determina agente das transformações que desejava ver na sociedade brasileira dos século XX. Nas palavras do psiquiatra martiniquenho Frantz Fanon (2008, p.33): “Falar é estar em condições de empregar certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização.” Abdias se apresenta como sujeito que fala, autor de projeto civilizatório e emancipador. Com a criação do periódico *Quilombo*, em 1948, ele busca interferir na cultura – “conjunto de valores ou significados partilhados” (HALL, 1997, p. 13) de sua época, subvertendo imaginários, desestabilizando estereótipos e mitos construídos e associados ao sujeito negro, limitando-lhes as possibilidades de ser e existir plena e humanamente.

Através de sua atuação, Abdias conquista *legitimidade* entre seus pares, por meio do reconhecimento de suas identidades sociais como sujeitos políticos (CHARAUDEAU, 2006). E a partir dessa atuação, entram nas disputas específicas do campo da Comunicação, no qual eles, como agentes

munidos de diversos *quantum* de capital, disputam o direito à legitimidade: não apenas o de “falar” no campo, mas, principalmente, o de determinar o que é legítimo ser falado. O capital específico do campo é o que está em jogo e, ao mesmo tempo, a moeda que dá poder ao jogador. A partida de jogo pressupõe jogadores dotados de um *habitus* que implica o reconhecimento das regras e dos instrumentos de disputa. (LAGO, 2015, p. 735)



JORNALISMO





Abdias do Nascimento enfrenta o desafio de desmascarar o chamado “mito da democracia racial”, surgido no pós-abolição, como uma ideia falaciosa de que não existiria racismo no Brasil. A negação do racismo tinha uma óbvia consequência direta: como combater algo que não existe? A falácia desestruturava a luta por equidade e era o primeiro embate a ser feito pelo jornal *Quilombo*.

A 13 de maio de 1888, foi decretada legalmente a abolição da escravidão no Brasil. Portanto, 26 anos, antes do nascimento de Abdias do Nascimento. A medida, contudo, veio desacompanha de políticas sociais de inclusão, escolarização, moradia, etc. para os ex-escravizados, o que gerou o abismo social entre brancos e negros no país. Esse abismo foi sentido desde sempre por Abdias. Perseguição aos hábitos, costumes e religiosidade negra, além de legislação de incentivo à imigração europeia no final do século XIX e começo do século XX completaram o quadro de exclusão e pobreza para a maior parte da população negra. E é nesse cenário que Abdias busca reescrever a narrativa negra. A partir de sua contribuição e de seus contemporâneos que se reconhece a existência do racismo na Brasil, o que possibilita a estruturação de ações afirmativas e de políticas públicas para a redução das desigualdades.

Percebemos que, o Jornalismo Emancipatório pode ser e atualmente vem sendo utilizado como espaço de voz das minorias. O advento das redes sociais vem fortalecendo essa possibilidade e trazendo à tona pautas bastante desconfortáveis para a mídia hegemônica. Essas vozes buscaram referências como o menino Abdias fez um dia. Hoje é Abdias a referência. O jornalismo negro não tem nasce com o Jornal Quilombo, mas, com certeza tem nesse veículo a inauguração de um posicionamento que não foge das tensões e que traz o embate com intelectuais brancos na busca por um caminho de diálogo que leve a uma mudança social concreta.



JORNALISMO



Referências Bibliográficas

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2006.

COSTA, Maria Cristina. **Isto não é censura** – a construção de um conceito e de um objeto de estudo. Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producao-academica/002792308.pdf>. Acesso em: 11/08/19.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Comunicação e identificação**: ressonâncias no jornalismo. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2008.

HALL, Stuart (org.). **Representation**. Cultural Representations and Signifying Practices. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage Publications/Open University, 1997.

LAGO, Cláudia. **Pierre Bourdieu e algumas lições para o Campo da Comunicação**. In: Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 34, p. 728-744, set./dez. 2015.

MACEDO, Márcio José de. **Abdias do Nascimento**: a trajetória de um negro revoltado. São Paulo: FFLCH/USP (Dissertação de Mestrado), 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2014.



JORNALISMO





JORNALISMO



OBRA COLETIVA. **Memórias do exílio, brasil 1964-19??** São Paulo: Ed. Livramento, 1976.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

OLIVEIRA, Dennis de. **Jornalismo e ação cultural pela emancipação: uma práxis jornalística com base nos conceitos de Paulo Freire.** Tese de Livre Docência. São Paulo: USP, 2014.

QUILOMBO: vida, problemas e aspirações do negro. Edição Fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo/ED. 34, 2003.

SEMOG, Éle; NASCIMENTO, Abdias do. **Abdias do Nascimento: o griot e as muralhas.** Rio de Janeiro: Pallas, 2006.